

# **DEMOGRAFIA DA POLIGAMIA: A DISTRIBUIÇÃO SUBREGIONAL DAS MULHERES EM POLIGAMIA E NÃO EM POLIGAMIA NO BENIM, NO TOGO E NO BURKINA FASO.**

**Abdoul Razack Mamoudou (Mestrando- CEDEPLAR/UFMG)**

**Raquel Zanatta Coutinho (Professora- Cedeplar/UFMG)**

**André Braz Golgher (Professor- Cedeplar/UFMG)**

**Resumo:** Muito se fala sobre a poligamia na África, mas pouco se sabe sobre a diversidade de contextos no qual a mesma ocorre. Dado que a prática têm efeitos diretos sobre a vida de mulheres e crianças e a crescente debate sobre as questões demográficas africanas atuais e futuras, o presente artigo objetiva redirecionar as discussões da Demografia da Poligamia a fim de mostrar como o seu comportamento é disperso no território. Baseando nos últimos censos disponíveis no IPUMS- I para Benin, Togo e Burkina Faso, apresentamos análises sub-regionais que mostram como a prática está desproporcionalmente distribuída em todos os três países. Assim, concluiu-se que as mulheres são heterogêneas e dispersas nas sub-regiões administrativas desses países.

**Palavras-chave:** Demografia, Poligamia, Casamento; Família, África

**Área temática:** Demografia

## **Introdução**

O mundo vem passando por muitas mudanças em vários fatores demográficos, tais como migração, fecundidade e mortalidade, sendo essas impactadas pela cultura, religião e políticas de cada região. Em particular, isso também ocorre na África Subsaariana, onde a maioria dos países veio a obter suas independências recentemente após a colonização. Um dos aspectos culturais praticados que afeta as variáveis demográficas nessa região é a poligamia.

A poligamia está no coração do aglomerado de práticas inter-relacionadas que moldam a vida familiar na África Subsaariana. Até recentemente, o casamento era efetivamente universal na maior parte do continente africano. Assim, exceto onde a migração levou a uma razão de sexo muito desequilibrada na população adulta, o casamento poligâmico generalizado implicou no casamento precoce de mulheres. Assim, os maridos são frequentemente muito mais velhos do que suas esposas nas sociedades poligâmicas e a viuvez das mulheres é comum (TIMÆUS E REYNAR, 1998).

A poligamia tem sido uma característica central do casamento costumeiro na África. Segundo Jacoby (1995), ela serviu a um propósito benéfico e, como uma prática religiosa e uma parte da cultura africana, não deve ser descartada. O contexto histórico da

poligamia em várias religiões mostra que a prática tem um papel importante na provisão de coesão social e benefícios sociais.

A prática tem como finalidade ter filhos. Portanto, se a esposa é estéril, o marido deve tomar outra esposa para ter um herdeiro. A primeira mulher pode até incentivar o marido para ter uma segunda nesse contexto. Há dois tipos de poligamia: poliginia, onde há mais de uma esposa; e poliandria, onde há mais de um marido. A poliginia é prevalente e a poliandria é extremamente rara. Assim, os termos “poligamia” e “poliginia” são frequentemente usados para o caso em que um homem tem mais de uma esposa (FIELDER, 2016; THOBEJANE, 2014).

Há uma longa história social e religiosa de poligamia. A poligamia foi praticada por algumas das principais figuras do Antigo Testamento da Bíblia, incluindo Abraão, Davi e Salomão. O Alcorão também aceitou a prática da poligamia (ou, mais precisamente, a poliginia) como forma de prestar assistência a viúvas e órfãos. Mas em sociedades agrárias não mecanizadas que dependem de trabalho físico, uma família extensa originada da poligamia tem um valor econômico potencial. A poligamia ainda é amplamente praticada, especialmente na Ásia e na África, mas também historicamente entre alguns dos povos aborígenes da América do Norte (BALA, 2009). Ou seja, diferentes culturas abraçaram a ideia da poligamia, sem que a prática fosse considerada anormal ou impura, como é característico da visão dogmática Ocidental.

Assim, essa prática é um dos principais pontos da diversidade cultural ou de práticas inter-relacionadas que moldam a vida familiar na África Subsaariana, que difere do Ocidente. O objetivo deste trabalho é investigar como é a distribuição proporcional dos domicílios poligâmicos nas subdivisões administrativas do Benim em 2013, Togo em 2010 e Burkina Faso em 2006 usando os dados de Ipums International.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### *África, família e a mudança demográfica*

De acordo com a teoria demográfica clássica, a alta fecundidade nos estágios iniciais da transição demográfica é consequência do maior tamanho familiar desejado. Os casais querem muitas crianças uma vez que elas ajudam na agricultura e fornecem segurança na velhice. Além disso, a alta mortalidade infantil leva os pais a terem filhos adicionais para proteger contra perdas ou para substituir perdas. Segundo Bongaarts e Casterline, (2013), o declínio da fecundidade ocorre quando os níveis crescentes de urbanização e educação, as mudanças na economia e o declínio da mortalidade levam os pais a desejarem um número menor de nascimentos.

Mas, desde a década de 1960, os declínios da fecundidade têm sido rápidos na Ásia e na América Latina, mas na África Subsaariana, a transição está ocorrendo mais tarde e está ocorrendo em um ritmo mais lento (BONGAARTS, 2017). Para Bongaarts (2017), o ritmo lento da transição africana pode ser atribuído a vários fatores. Primeiro, o ritmo do desenvolvimento africano tem sido lento, isso por si só levaria a transições mais lentas. Em segundo lugar, a natureza pro-natalista das sociedades africanas implica uma resistência ao declínio da fecundidade, que não existe ou é mais fraca nos países não africanos.

Por outro lado, segundo Wamwara (2019), a poligamia eleva o status social do patriarca e da família em um mundo onde as taxas de mortalidade são ainda muito altas. Ainda, a alta

mortalidade masculina nessa região decorrente de guerras, doenças ou ocupações perigosas aumenta o efeito das diferenças na idade do casamento ao reduzir a coorte de homens mais velhos em relação à coorte de esposas mais jovens. Uma população em crescimento alto também acarreta em diferenças de idade no casamento, aumentando a coorte de esposas jovens em relação à coorte de homens casados mais velhos. A interação entre diferenças de idade nos casamentos, a mortalidade diferencial entre gêneros e uma população em expansão podem facilmente produzir uma média de mais de duas esposas por marido.

África portanto é um dos continentes mais vulneráveis à mudança populacional, fato que é agravado pela interação de múltiplas pressões socioeconômicas aliados com baixos níveis de capacidade de adaptação. A região apresenta crescimento populacional, urbanização, alterações políticas, mudanças insustentáveis de desenvolvimento e governança frágil que persistem como desafios. Um aspecto cultural que persistiu ao longo do tempo, ou seja, antes do período colonial, durante a colonização, e após a independência de muitos dos países africanos, é a prática poligâmica que é um tipo de formação de família.

É importante pensar em formação de família poligâmica em termos mais amplos do que sistemas reprodutivos humanos, mas também como laço social e cultural. Para Dalton e Leung (2014) nas regiões da África Ocidental afetadas pelos tráfegos transatlânticos de escravos, a poligamia surgiu ou foi fortalecida como instituição. Já nas regiões da África Oriental afetada pelas trocas de escravos no Oceano Índico, a poligamia permaneceu incomum. As sociedades africanas, onde a atividade sexual pré-marital é relativamente comum, a transição para o casamento é um processo de múltiplos estágios, que geralmente se desenrola ao longo de vários anos, e as uniões poligâmicas são comuns (CASTERLINE, 2017).

Segundo Caldwell e Caldwell (1987), o conceito de família é definido geralmente assumindo a forma da linhagem e a centralidade em termos religiosos e morais da esfera reprodutiva. Falen (2008), em uma discussão antropológico, histórico, popular e teológico sobre o casamento cristão na África, discutiu a disputa ideológica entre a monogamia e a poligamia e examinou a noção de que homens e mulheres têm objetivos conjugais diferentes. Para o mesmo autor, desde a chegada dos missionários europeus na África, tem havido um debate carregado sobre as opções de casamento das pessoas. Entretanto, embora o cristianismo na África possa ter muitos componentes ideológicos, as escolhas matrimoniais tendem a seguir motivos mais pessoais e práticos e são influenciadas por questões de economia, prestígio e poder. Além disso, é um fenômeno social que existe há milênios e continua a se transformar na África Subsaariana (MABASO ET AL., 2018).

Para Iversen (2017), ela é uma instituição matrimonial que ainda é praticada em vários países e sistemas jurídicos do mundo e, portanto, o conceito de casamento não é uniforme no mundo. Assim, o casamento e a família na África tendem a compartilhar características que os distinguem de instituições equivalentes em outros lugares. Assim, a formação de família também pode decorrer de motivos religiosos. Embora a cultura africana seja fundamentalmente inóspita à monogamia de inspiração cristã, outra linha teórica afirma que as mulheres preferem a monogamia à poligamia. Com relação ao islamismo, tem-se que a poligamia é permitida. Assim, em diversos países da África Subsaariana, pode haver uma tensão ativa entre o que as pessoas chamam de “africano” e “europeu”, “tradicional” e “moderno”, mas as escolhas conjugais refletem muito frequentemente lutas de poder, condições econômicas e compromissos pessoais de atores individuais (FALEN, 2008).

Enfim, as sociedades poligâmicas fora da África Subsaariana são geralmente caracterizadas por 3-5% das esposas em casamentos poligâmicos. Em países dessa região, a chance de se casar de novo e poligamicamente é muito maior. Muitas mulheres pensam na possibilidade de se encontrarem poligamicamente casadas e organizando as emoções e a economia da família de acordo. A poligamia serve bem à realidade Subsaariana, garantindo que muitas mulheres em idade reprodutiva possam ser mantidas em casamento e também ajudando a garantir que a estrutura maior que não seja enfraquecida pelas dificuldades das unidades conjugais (CALDWELL E CALDWELL, 1987).

### ***Poligamia e região***

A poligamia é definida como a prática de ter mais de uma esposa e é uma prática africana muito comum e amplamente aceita socialmente e culturalmente em muitos dos seus países (SMITH- GREENAWAY E TRINITAPOLI, 2014; THOBEJANE, 2014; FENSKE, 2015). Segundo, Thobejane (2014), as experiências de mulheres em casamentos poligâmicos variam de acordo com o contexto sociocultural. Historicamente, acredita-se que muitos fatores tenham ajudado a perpetuar a poligamia, e incluem taxas de mortalidade mais altas dos homens, satisfação de desejos sexuais e necessidade de ter tantos filhos quanto desejado também para homens (HAYASE E LIAW, 1997). Por isso, essa prática tem sido associada principalmente a um sistema social patriarcal em sociedades na África Subsaariana (HAYASE E LIAW, 1997; TIMÆUS E REYNAR, 1998,1998; FENSKE, 2015). Embora a prática seja associada ao contexto econômico africano (GROSSBARD, 1976), segundo Fenske (2015) a distribuição da poligamia na África não apresenta uma explicação enraizada na divisão do trabalho por gênero.

A poligamia também é encontrada mais frequentemente em combinação com os sistemas patrilineares do que em sistemas de parentesco matrilinear. Timæus e Reynar (1998) mostraram que aspectos do casamento poligâmico afetam indivíduos de forma diferente. Os autores também esclareceram as condições sob as quais a poligamia perdurará ou diminuirá na África Subsaariana, bem como observaram que qualquer declínio na prevalência da poligamia pode ser acompanhado por um aumento da proporção dos casamentos poligâmicos que envolvem três ou mais esposas. Mas segundo De La Croix e Mariani, (2015), às instituições matrimoniais mudaram com o passar do tempo, evoluindo da poligamia para a monogamia e, depois, para a monogamia em série (conforme definido pelo divórcio e pelo novo casamento). Os autores mostraram que a poligamia pode emergir como um equilíbrio político em uma democracia, desde que a proporção de homens ricos e mulheres ricas seja baixa ou próxima do suficiente. Nesse caso, a poligamia é a única maneira das mulheres pobres poderem se casar com um marido rico. Além disso, para Timæus e Reynar (1998) na maior parte da África, as mulheres divorciadas e viúvas voltam a se casar rapidamente, alimentando a prática. Assim, a poligamia generalizada também facilita a manutenção de aleitamento materno.

As pessoas descritas em pesquisas (por exemplo, o DHS) e nos Censos Demográficos africanos diferem amplamente nas características culturais, costumes, tabus e atitudes em relação ao nascimento e à morte do que em outras regiões (BRASS, 2015). Portanto, é primordial analisar aspectos populacionais nos países africanos que sejam associados à cultura ou prática, pois podem influenciar vários aspectos nesses países criando múltiplas alterações insustentáveis de desenvolvimento e prejudicando a eficiência das políticas públicas. Em particular, a prática da poligamia é um fenômeno cultural importante para as famílias tradicionais em vários países Subsaarianos, não só influenciando o crescimento populacional como também sendo uma forma de fazer crescer o nome familiar, aumentar o número de membros para fins de atividades agrícolas ou para

formação de guerreiros para combates entre tribos para conquista de território. Portanto, a poligamia tem muitos propósitos úteis dentro da filosofia africana sobre o casamento. Quanto mais mulheres têm um homem, maior a probabilidade desse ter muitos filhos, e portanto “mais forte é o poder da ‘imortalidade’ nessa família”. Além disso, onde crianças são a glória da família, ter mais crianças equivale a maior glória (WAMWARA, 2019).

A poligamia, como parte da cultura de uma sociedade persiste até o presente, dado que mudanças culturais ocorrem lentamente. Esse argumento ajuda a explicar o fato estilizado que as sociedades na África Ocidental tendem a ter mais casamentos poligâmicos do que aqueles na África Oriental. Portanto, existe a tendência de que a poligamia seja mais comum no extremo oeste da África, embora haja alguma sobreposição entre as regiões. Níveis bastante altos de poligamia são também encontrados no resto da África Ocidental e na costa da África Central e níveis moderados na África Oriental. No entanto, a poligamia é claramente um aspecto importante do sistema de casamento na África Subsaariana, uma vez que somente em Madagascar que são poucas as mulheres casadas poligamicamente. Este país tem uma história cultural diferente do restante do continente (TIMÆUS E REYNAR, 1998).

A poligamia, como parte da cultura de uma sociedade persiste até o presente, dado que mudanças culturais ocorrem lentamente. Esse argumento ajuda a explicar o fato estilizado que as sociedades na África Ocidental tendem a ter mais casamentos poligâmicos do que aqueles na África Oriental. Portanto, existe a tendência de que a poligamia seja mais comum no extremo oeste da África, embora haja alguma sobreposição entre as regiões. Níveis bastante altos de poligamia são também encontrados no resto da África Ocidental e na costa da África Central e níveis moderados na África Oriental. No entanto, a poligamia é claramente um aspecto importante do sistema de casamento na África Subsaariana, uma vez que somente em Madagascar que são poucas as mulheres casadas poligamicamente. Este país tem uma história cultural diferente do restante do continente (TIMÆUS E REYNAR, 1998).

A poligamia se beneficia da legitimação oficial, religiosa e social, e desempenha uma função reguladora social e demográfica. Goza de uma popularidade e normalidade que fazem a existência da instituição parecer banal, especialmente para os homens (BOLTZ E CHORT, 2016), mesmo que em centros urbanos. De acordo com Boltz e Chort (2016), a prática da poligamia em um contexto urbano é complexo, uma vez que diferentes categorias sociais e expectativas diversas coexistem ali. Mais e mais mulheres atingem alta e elevada nível educacional e são sujeitas a novas influências. Como resultado, elas esperam desenvolver novas formas de viver e novas relações com os homens - tanto no lar quanto na sociedade. Ao mesmo tempo, as normas sociais e religiosas continuam a localizar o destino das mulheres no casamento e na maternidade. Isso implica a vulnerabilidade das mulheres às vezes frente às normas tradicionais e religiosas na sociedade.

A maioria das explicações da poligamia baseia-se na percepção do “imperialismo” nas sociedades africanas sob o controle de um modo particular de produção: uma economia de subsistência fracamente mecanizada na qual o papel das mulheres como produtoras de alimentos para a existência diária é importante (BOLTZ E CHORT, 2016). Ou seja, em um contexto muito distinto de ser considerado urbano, ainda se destacam na análise para explicar o comportamento masculino diferenciado em relação à poligamia que apenas certas características demográficas - como a idade ao casamento, a diferença de idade entre os cônjuges e a concepção de filhos fora do casamento - parecem desempenhar um papel.

Com relação às mulheres, elas têm atitudes diversas em relação à poligamia, variando da resignação ao realismo e hostilidade.

As pessoas descritas em pesquisas (por exemplo, o DHS) e nos Censos Demográficos africanos diferem amplamente nas características culturais, costumes, tabus e atitudes em relação ao nascimento e à morte do que em outras regiões (BRASS, 2015). Portanto, é primordial analisar aspectos populacionais nos países africanos que sejam associados à cultura ou prática, pois podem influenciar vários aspectos nesses países criando múltiplas alterações insustentáveis de desenvolvimento e prejudicando a eficiência das políticas públicas. Em particular, a prática da poligamia é um fenômeno cultural importante para as famílias tradicionais em vários países Subsaarianos, não só influenciando o crescimento populacional como também sendo uma forma de fazer crescer o nome familiar, aumentar o número de membros para fins de atividades agrícolas ou para formação de guerreiros para combates entre tribos para conquista de território. Portanto, a poligamia tem muitos propósitos úteis dentro da filosofia africana sobre o casamento. Quanto mais mulheres têm um homem, maior a probabilidade desse ter muitos filhos, e portanto “mais forte é o poder da “imortalidade” nessa família”. Além disso, onde crianças são a glória da família, ter mais crianças equivale a maior glória (WAMWARA, 2019).

Fenske (2015) enfatizou que as mulheres africanas preferem a monogamia à poligamia. Uma explicação para esse fato evidenciado pelo crescente corpo de pesquisa na América do Norte e nas sociedades em que a poligamia é praticada, indicam prejuízos significativos em diversos aspectos socioeconômicos para mulheres e crianças em relacionamentos poligâmicos em comparação com os casamentos monogâmicos (BALA, 2009). Alguns autores verificaram que os poligâmicos estão entre os mais ricos na África Ocidental (FENSKE, 2015). Observou-se que a medida que aumenta a desigualdade entre os homens em uma sociedade, aumenta a poligamia, já que as mulheres escolhem casar-se com homens ricos que já têm várias esposas. Além disso, homens mais ricos terão maior probabilidade de escolher casamentos poligâmicos (GROSSBARD, 1976).

Rossi (2019) combinou ideias de antropologia, demografia e economia para estudar as escolhas de fecundidade em uniões poligâmicas. Através de jogos não cooperativos, modelos de duração e uma amostra representativa única de famílias poligâmicas, a autora mostrou que as co-esposas competem por mais crianças. Assim, destaca-se que permanecem os desafios para as políticas públicas que visam diminuir a fecundidade na África Subsaariana. A poligamia impacta profundamente a dinâmica intra-familiar e torna a estatística comparativa longe de ser simples.

Ao contrário das outras áreas em que choques culturais não são muitos favoráveis a poligamia, Bachrach (2014) sugere que podemos avançar na integração da cultura de forma mais explícita e significativa na análise demográfica. Argumenta-se que a cultura pode deixar de ser um colega relutante da demografia e desenvolver uma parceria comprometida. A poligamia no aspecto cultural é um fenômeno social que existe há milênios na África Subsaariana. Mais estudos contemporâneos são necessários sobre o impacto da poligamia sobre as mulheres à luz dos crescentes níveis de modernização, incluindo mudanças nas características socioeconômicas e demográficas da sociedade africana (Mabaso et al., 2018). Para explicar um declínio significativo na poligamia em vários países africanos, Fenske (2015) ressalta que as teorias existentes sobre a poligamia enfrentam desafios para explicar a África.

O significado demográfico da poligamia se estende além do seu impacto direto sobre os determinantes imediatos nas variáveis demográficas. A razão de se usar esse meio

que oferece novas abordagens sobre a demografia de poligamia não só é de extrema importância, mas também é uma contribuição para compreender o fenômeno nas subdivisões administrativas, iniciando as discussões para uma visão melhor sobre o futuro. Muito se fala sobre a poligamia na África, mas pouco se sabe sobre a diversidade de contextos no qual a mesma ocorre. Dado que a prática tem efeitos diretos sobre a vida de mulheres e crianças e dado a crescente importância do continente para as questões demográficas atuais e futuras, o presente artigo objetiva redirecionar as discussões da Demografia da Poligamia a fim de mostrar como o seu comportamento é disperso no território. Baseando nos últimos censos disponíveis no IPUMS- I para Benin, Togo e Burkina Faso, apresentamos análises sub-regionais que mostram como a prática está desproporcionalmente distribuída em todos os três países.

### **3. METODOLOGIA**

#### **3.1 Base de dados**

Este trabalho utiliza os dados disponíveis no site IPUMS-I, que é um esforço para inventariar, preservar, harmonizar e divulgar os microdados censitários de todo o mundo. O projeto IPUMS-I contém o maior arquivo do mundo de suas censitárias disponíveis publicamente. Os dados são codificados e documentados consistentemente em todos os países e ao longo do tempo para facilitar a pesquisa comparativa. O IPUMS-I disponibiliza esses dados a realizar, gratuitamente, por meio de um sistema de disseminação na web (Ruggles, 2003).

Assim, este trabalho foi baseado nos Censos Demográficos do Benim (2013), Togo (2010) e Burkina Faso (2006). Os Censos de 2013, 2010 e 2006 eram os últimos disponíveis na época de elaboração desse estudo. Temos nesses censos as mulheres em poligamia e não em poligamia que são observáveis e que estejam categorizadas e residindo na região urbana ou rural e nas sub-regiões no período dos censos para cada país respectivamente: 2000860 em 2006, 1104569,1 em 2010, e 1639690 em 2013. Os Censos Demográficos contêm informações sobre a poligamia e variáveis geográficas das mulheres. Ainda, todos os dados foram ponderados com os pesos de amostra como fator de expansão. Assim, para o desenvolvimento da pesquisa, evidenciou-se uma abordagem predominantemente quantitativa. Assim, desses dados são obtidos os resultados das análises descritivas.

#### **3.2 Definições de unidade de análise**

Nesta subseção são apresentadas algumas definições: Individuais: Mulheres (1-SIM) em casamento poligâmico ou (0-NÃO) em casamento poligâmico. Anos: indica o ano em que o censo foi realizado: Benim 2013, Togo 2010 e Burkina Faso 2013. Região: Indica se a mulher estava localizada em um local designado "região" (0- urbano, 1- rural). Acredita-se que pode haver diferenças entre essas áreas. Unidade administrativa: geonível administrativo I (Departamento) e níveis administrativos II (províncias/comuns), indicam a principal unidade administrativa na qual a mulher foi enumerada. A variável incorpora a geografia dos países, para permitir diferenças geográficas. São sub-regiões administrativas no total formando uma variável categórica.

#### 4. Resultados Descritivos

Esta seção tem como objetivo descrever os dispersos da prática poligâmica no Burkina Faso em 2006, no Togo em 2010 e no Benim em 2013. Segue -se então a tabela 1 e os graficos 1 a 6 que descrevem as proporções de mulheres em poligamia e não em poligamia nas regiões dos tres países.

Tabela 1: O disperso das mulheres em casamentos poligâmicos ou não nos três países.

Poligamia									
	Burkina Faso			Togo			Benim		
	2006			2010			2013		
	NÃO	SIM	Total	NÃO	SIM	Total	NÃO	SIM	Total
<b>Poligamia</b>	1.099.900	900.960	<b>2.000.860</b>	757.627,46	346.941,63	<b>1104569,1</b>	1.076.810	562.880	<b>1.639.690</b>
	54,97	45,03	<b>100,00</b>	68,59	31,41	<b>100,00</b>	65,67	34,33	<b>100,00</b>
<b>Região</b>	NÃO	SIM	<b>Total</b>	NÃO	SIM	<b>Total</b>	NÃO	SIM	<b>Total</b>
<b>Urbano</b>	298.990	93,040	<b>392,030</b>	319,100.69	75,596.1	<b>394,696.79</b>	524,320	197,480	<b>721.800</b>
	76,27	23,73	<b>100,00</b>	80,85	19,15	<b>100,00</b>	72,64	27,36	<b>100,00</b>
<b>Rural</b>	800.910	807.920	<b>1.608.830</b>	438.526,77	271,345.53	<b>709,872.3</b>	552,490	365.400	<b>917.890</b>
	49,78	50,22	<b>100,00</b>	61,78	38,22	<b>100,00</b>	60,19	39,81	<b>100,00</b>
<b>Total</b>	1.099.900	900.960	<b>2.000.860</b>	757.627.46	346.941.63	<b>1104569,1</b>	1.076.810	562.880	<b>1.639.690</b>
	54,97	45,03	<b>100,00</b>	68,59	31,41	<b>100,00</b>	65,67	34,33	<b>100,00</b>

Fonte: INSD 2006, INSEED 2010, INSAE 2013 IPUMS- I 2021

Essa tabela mostra primeiramente o grupo de cerca de 2000860 mulheres em casamento poligâmico e não em casamento poligâmico em 2006 no Burkina Faso. Dessas mulheres cerca de 54,97% vivem em casamento não poligâmico contra 45,03% vivem em poligamia. Por outro lado, no Togo em 2010, havia 1104569,1 mulheres no total, e entre elas, as que vivem em casamento não poligâmico foram cerca 68.59% contra 31.41% que vivem no outro casamento. Por fim, entre 1639690 mulheres coletadas, não vivem em poligamia 65.67% contra 34.33% que vivem, no Benim em 2013. Assim, pode-se dizer que há uma predominância de mulheres em casamento não poligâmico do que em casamento poligâmico. Mas vale lembrar que essas mulheres não poligâmicas em cada censo poderiam se encontrar em casamento poligâmico no futuro.

Além disso, a mesma tabela introduz as questões regionais, considerando o lugar de residência das mulheres, que representou passou central para a discussão a seguir. Logo, as mulheres não em casamento poligâmico vivem majoritariamente na região urbana comparando as mulheres em casamento poligâmico. Ou seja, em 2006 no Burkina Faso, em 2010 no Togo e em 2013 no Benim, na zona urbana, foram as mulheres não em casamento poligâmicos respectivamente 76,27%; 80,85%; 72,64% contra proporções bem menores de mulheres em casamento poligamia. Por contra, na região rural, 50,22% das mulheres vivem em casamento poligâmico contra cerca de 49,78%, que são proporção bem próxima em 2006 para o Burkina Faso. Em 2010 no Togo, das mulheres na zona rural, 61,78 % foram as não em

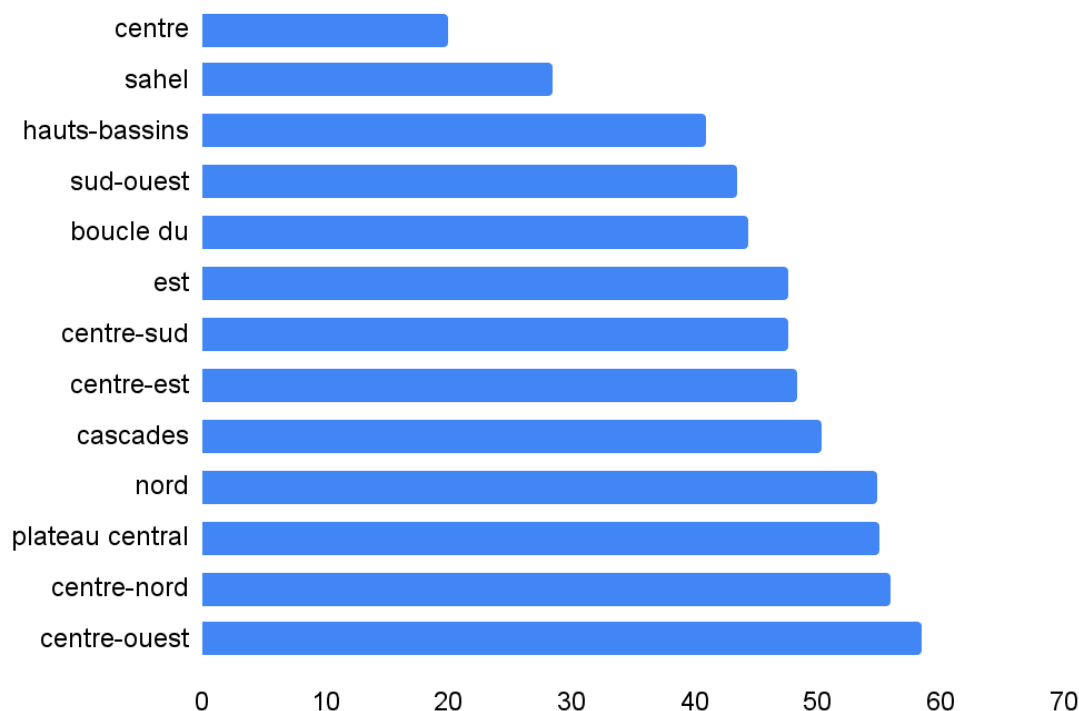


casamento poligâmico, contra 38,22% que vivem em casamento poligâmico. Por último, em 2013, entre o total das mulheres vivendo na zona rural, cerca de 60,19% eram as não poligâmicas contra 39,81% delas que eram. Assim, além de todos os países apresentarem uma concentração de mulheres na região rural, as proporções das mulheres em casamento poligâmico ou não em casamento são desproporcionais e dispersas entre as zonas de residência. Logo, independentemente da região em que elas residem, a prática está bem presente nos países e na sub-região de forma desproporcional, e isso é muito mais que importante para não .

#### 4.1. As mulheres nas subdivisões administrativas I e II em 2006 em Burkina Faso

Percebe-se no gráfico 1 a distribuição das mulheres no Burkina faso em 2006. Nos 1 nível geográfico, ou seja os 13 subregiões apresentados acima, as mulheres em casamentos poligâmicos ou não em casamento poligâmico são disperso. Além da presença da pratica da poligamia em todas as subregiões, se observe que a subregião Centre-nord indicou maior numero de mulheres em poligamia contra a subregião Centre em que vivem maior numero de mulheres não em casamento poligamico comparando entre elas. Além disso, embora da subregião Cascades tenha apresentada os menores numeros de mulheres em poligamia ou não em poligamia, a subregião Cascades mostra um número de mulheres em casamento poligâmico e não em poligâmicos quase iguais. Assim, ao tratar da prática no Burkina Faso é extremamente importante considerar que a subdivisão geográfica que apresenta as desproporções de mulheres em casamentos poligâmicos ou não. Mas vale lembrar que aqui não estamos considerando o tamanho de cada sub-região e sua densidade demográfica (ANEXO, 1).

Gráfico I: As proporções das mulheres em poligamia em 2006 em Burkina Faso.



Fonte: INSD 2006, IPUMS- I-2021

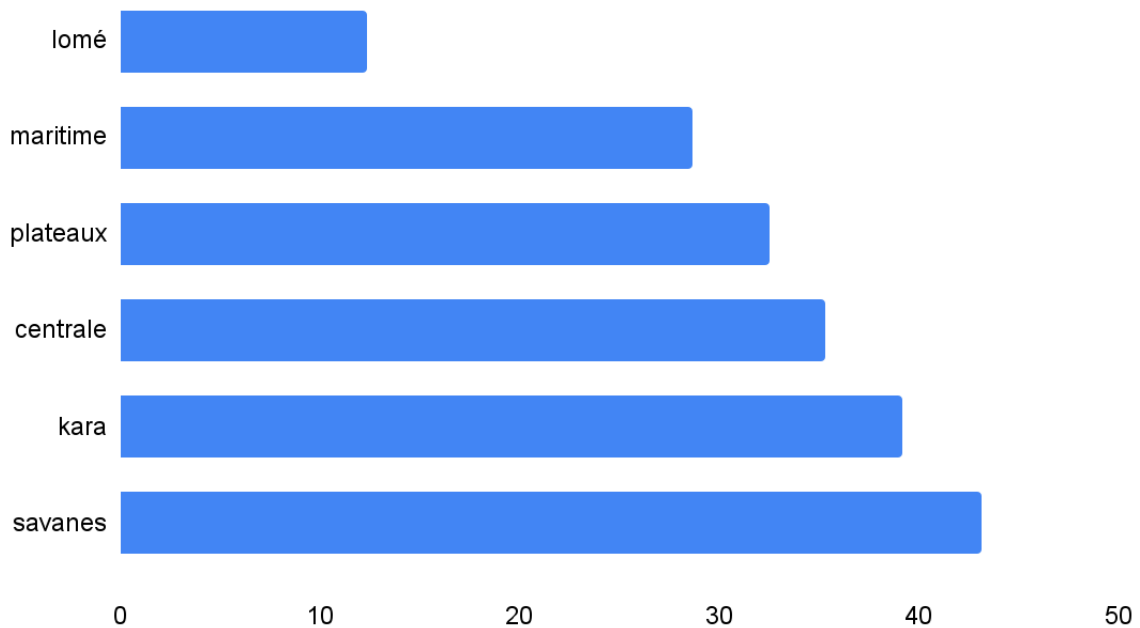
Para melhor entender então o disperso da prática nas províncias do Burkina Faso , segue gráfico (gráfico 2/anexo 1). Nesse gráfico mostra-se os números de mulheres de mulheres nos dois regimes. Logo, a pratica de poligamia está presente em todas as províncias que são diferentes entres elas. Mas a província de Kodiogo revelou maior número de mulheres em monogamia comparando as outras. Por contra, a província de Sanmatenga mostrou maior número de mulheres em casamento poligâmico. Assim, embora haja o menor número de mulheres em casamentos poligâmicos na província de Oudalan em relação às outras, as mulheres foram cruciais para entender o disperso da prática no território do Burkina Faso em 2006, e particularmente dentro do país com suas subdivisões regionais. (ANEXO, 1). Assim, pelo gráfico I acima, pode-se concluir que a maior proporção de mulheres em poligamia se encontra na sub região Centre-Ouest, contra a subregião Centre com menor proporção comparado as outras subregiões do Burkina faso em 2006.

#### **4.2. As mulheres nas subdivisões administrativas I e II em 2010 no Togo.**

Na mesma linha que a da Burkina Faso, quando se considera a primeira subdivisão administrativa para o Togo em 2010, se vê claramente que o país tem 6 sub-regiões no primeiro nível. Ainda , esse primeiro nível mostra tanto as mulheres em poligamia quanto em casamento não poligâmico. A sub-região Maritime apresenta maior número de mulheres em casamento não poligâmico em 2010, segue no segundo lugar a sub-região Plateaux e Lomé que é a capital do país comparando com as outras sub-regiões. Por contra, ainda na sub-região Maritime há uma predominância de mulheres em casamento poligâmico comparando as outras sub-regiões. Seque-se, respectivamente, as sub-regiões Plateaux e Savane com maiores números de mulheres. Enfim, embora haja desproporção entre os números de mulheres em casamento poligâmico ou não em cada sub região no primeiro nível, as mulheres em poligamia ou não são dispersas em cada uma. Mas um maior número de mulheres na sub-região não implica maior número de mulheres em casamento poligâmico. Assim, Lomé, a capital do país, e que ainda é uma sub-região considerada aponta para menor numero de mulheres em poligamia comparando ao resto. Segue-se no gráfico 4 para o disperso das mulheres nas províncias do togo em 2010 (ANEXO, 2).

Fora as províncias do Burkina Faso e distintas que já apontaram para o disperso das mulheres nos dois regimes de casamento, no Togo, em 2010, os dois regimes bem presente e dispersos. Pois, quando se considera o gráfico 4 para mostrar as províncias que são distintas entre elas, com a distribuição das mulheres entre os regimes monogamia e poligamia. Percebe-se que em ambas as situações conjugais as mulheres em casamento monogâmico são predominantes. Embora às províncias como Tone, Haho, Vo, Golfe, Zio Oti, Kozah, Tchaoudjo e Lomé tenham apresentadas os maiores numero de mulheres em poligamia, a provincia de golfe está com o maior numeros compardo as outras provencias. Contudo, o Togo também aponta para uma discussão não generalizada e não uniformizada da prática na região e nas suas subdivisões administrativas em 2010 (Anexo 3). Enfim, conclui-se pelo grafico II sobre as proporções das mulheres em poligamia que a região Savanes tem maior proporção de mulheres na pratica comparado as outras regiões do Togo em 2010.(ANEXO,2)

Grafico II: As proporções das mulheres em poligamia em 2010 no Togo



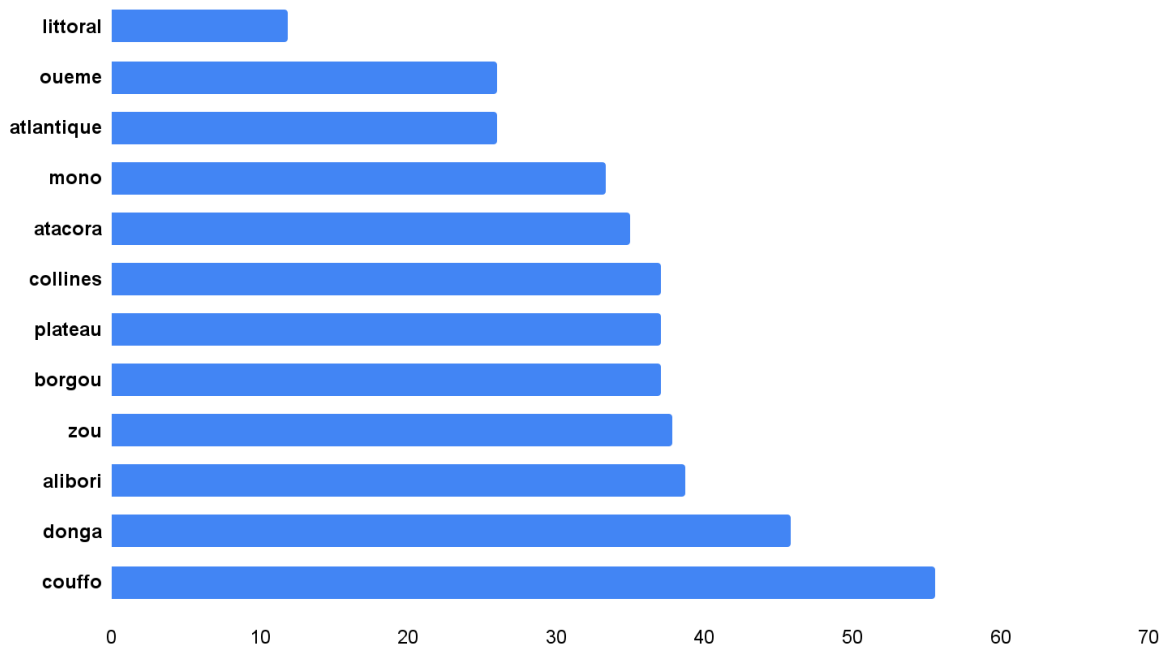
Fonte: INSEED 2010, IPUMS- I-2021.

#### 4.3. As mulheres nas subdivisões administrativas I e II em 2013 no Benim

Benim em 2013, foi representada pela dispersão das mulheres em casamento poligâmico ou não em 12 departamentos ou seja no primeiro nível administrativo. Nos doze departamentos representados em baixo pelo gráfico 5, indicando os números de mulheres em casamento poligâmico e não em casamento poligâmico. De fato, os departamentos apresentaram os dois regimes de casamento para as mulheres de forma desproporcional. Embora a prática esteja presente nos doze departamentos, o número de mulheres na poligamia então é maior na Borgou, mas esse número delas é quase igual aos no departamento de Couffo, comparando com outros departamentos. Por outro lado, os departamentos com maior número de mulheres em monogamia seguem respectivamente Atlantique, Oueme e Borgou. Assim, apesar dos dispersos da prática entre os departamentos, a Littoral ficou com menor número de polígamas contra Donga com menor número de mulheres em monogamia (ANEXO 3)

Por fim, nas províncias do Benim o gráfico 6 revela ainda mais a heterogeneidade das mulheres nos dois regimes de casamentos. Já nessas províncias, Abomey-Calavi, Aplahoue, Djougou Banikorara e Bohicon são as mais predominantes em mulheres em casamento poligâmico comparado ao resto. Ao contrário, Abomey Calavi, Cotonou e Porto-novo foram mais predominantes com mulheres em monogamia. Logo, a análise descritiva apontou para uma predominância de mulheres em casamento poligâmico na província de Abomey-Calavi contra os maiores número de mulheres em casamento monogâmico na capital econômica, ou seja na província de Cotonou, todos comparados entre elas. Assim, a prática da poligamia por mulheres apresentada pelas análises subdivisão administrativa e regionais mostram como a prática está desproporcionalmente distribuída em todos os três países, iniciando pela zona rural e urbana em que ela é presente heterogena (ANEXO, 3).

Gráfico III : As proporções das mulheres em poligamia em 2010 no Togo



**Fonte:** INSAE 2013, IPUMS-I 2021

Logo, para os dados do Benim usado para essa analisados, os achados mostra pelo grafico III acima que embora haja a poligamia nas subregiões, a proporção mais elevada de mulheres em casamento poligamico está na subregião administrativas (departement) de Couffo.

### Considerações Finais

Ao ter em mente que a África é um continente com vários países e com suas regiões e sub-regiões administrativas, é necessário pensar na sua diversidade cultural, crenças e práticas que movem suas variáveis demográficas. E a formação de família neste contexto é um processo muito complexo. Mas ela envolve na maioria dos casos, dois regimes: o casamento poligamico( poligamia) e o casamento não poligamico( monogamia). Esses dois regimes colocam muitas vezes a mulher no centro dos debates demográficos. sendo assim, muitas pesquisas já abordaram a pratica da poligamia no continente, mas pouco se sabe sobre a diversidade de contextos no qual a mesma ocorre. Dado que a prática tem efeitos diretos sobre a vida de mulheres e crianças e dado a crescente importância do continente para as questões demográficas atuais e futuras, o presente artigo objetiva redirecionar as discussões da Demografia da Poligamia a fim de mostrar como o seu comportamento é disperso no território. Baseando nos últimos censos disponíveis no IPUMS- International para Benin, Togo e Burkina Faso, apresentamos análises sub-regionais que mostram como a prática está desproporcionalmente distribuída em todos os três países.

Este presente trabalho indicou a dispersão das mulheres, nas zonas rurais como urbanas e a sua relevância para estudar as sub-regiões administrativas dos países africanos, que se submetem ao casamento poligâmico ou monogâmico. Ou seja, as mulheres são heterogêneas e dispersas nas sub-regiões administrativas desses países. A prática nos países africanos, mesmo considerada como um assunto amplamente discutido, sua relevância se faz cada vez

mais intensificada com os diferentes estágios de transição demográficas. E esses estágios não são uniformes dentro dos países, devido às suas subdivisões geográficas e administrativas. Quanto à fecundidade e a mortalidade, os relatórios dos censos do INSD, INSEED e INSAE, já indicaram uma heterogeneidade entre os países e as suas regiões. Mas isso é consequência dos números de mulheres e das escolhas de regimes de casamentos nessas regiões e sub-regiões de residência. Enfim, é de grande interesse ter um disperso na quantidade de mulheres em casamento poligâmico ou em monogamia que tiveram na zona rural e urbana, nos departamentos e nas províncias. Tudo isso, traduz e direciona a discussão sobre os estágios de transição demográfica entre países e dentro deles. Pois era importante saber quem eram essas mulheres e seus tipos de regimes, na vida familiar, sendo este ponto crucial para questões relacionadas à altas fecundidades e mortalidades na África. Por fim, gostaria de entrar mais em detalhes sobre as características sociodemográficas dessas mulheres, mas este não é o objetivo aqui e isso seria tratado nas pesquisas posteriores num trabalho de dissertação. Talvez uma análise mais direcionada a esta questão seja viável considerando cada sub-região administrativa, suas densidades, seus graus de urbanização de cada e as características demográficas das mulheres nos dois regimes.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFIA

ANTOINE, P; NANITELAMIO, J. Can polygyny be avoided in Dakar? In: **Courtyards, Markets, City Streets**. Routledge, 2018. p. 129-152.

AMOUZOU, A. and K. HILL. 2005. "Child Mortality and Socioeconomic Status in Sub-Saharan Africa." **African Population Studies** 19, (1): 1-12.

BACHRACH, C. A. **Culture and demography**: From reluctant bedfellows to committed partners. *Demography*, v. 51, n. 1, p. 3-25, 2014.

BALA, N. Why Canada's prohibition of Poligamiay is constitutionally valid and sound social policy. **Can. J. Fam. L.**, v. 25, p. 165, 2009.

BOLTZ, M; CHORT, I. **The risk of polygamy and wives' saving behavior**. The World Bank, 2016.

BRASS, W. **Demography of tropical Africa**. Princeton University Press, 2015.

CASTERLINE, J, B. Prospects for fertility decline in Africa. **Population and Development Review**, v. 43, p. 3-18, 2017.

BONGAARTS, J; CASTERLINE, J. Fertility transition: is sub-Saharan Africa different?. **Population and Development review**, v. 38, p. 153-168, 2013.

BONGAARTS, J. Africa's unique fertility transition. **Population and Development Review**, v. 43, n. S1, p. 39-58, 2017.

Casterline, J. B. (2017). Prospects for Fertility Decline in Africa. **Population and Development Review**, 43:3–18.

CALDWELL, J. C.; CALDWELL, Pat. The cultural context of high fertility in sub-Saharan Africa. **Population and development review**, p. 409-437, 1987.

- DALTON, J. T.; LEUNG, Tin Cheuk. Why is polygyny more prevalent in Western Africa? An African slave trade perspective. **Economic Development and Cultural Change**, v. 62, n. 4, p. 599-632, 2014.
- DANSOU, J; ADEKUNLE, A. O.; AROWOJOLU, A. O. Factors behind Institutional Delivery Preference in the Republic of Benin: An Analysis of 2011-2012 Benin Demographic and Health Survey (BDHS) data. **Journal of Population and Social Studies [JPSS]**, v. 26, n. 2, p. 128- 148, 2018.
- DIARRA, S. et al. Polygyny, Child Education, Health and Labour: Theory and Evidence from Mali. **Available at SSRN 3234373**, 2018.
- DE LA CROIX, D; MARIANI, F. From polygyny to serial monogamy: a unified theory of marriage institutions. **The Review of Economic Studies**, v. 82, n. 2, p. 565-607, 2015.
- FALEN, D. J. Polygyny and Christian marriage in Africa: The case of Benin. **African Studies Review**, v. 51, n. 2, p. 51-74, 2008.
- FENSKE, J. African polygamy: Past and present. **Journal of Development Economics**, v. 117, p. 58-73, 2015.
- FIELDER, L. 10 Polygyny in Sub-Saharan Africa. **Religion as Empowerment: Global legal perspectives**, p. 221, 2016.
- GROSSBARD, A. **An economic analysis of polygyny: The case of Maiduguri**. Current anthropology, v. 17, n. 4, p. 701-707, 1976.
- GROSSBARD, A. The economics of polygamy. **Research in population economics**, v. 2, p. 321-350, 1980.
- HAYASE Y, L. K. Factors on polygamy in sub-Saharan Africa: findings based on the demographic and health surveys. **The Dev Ecos**. 1997;3:293–327.
- HOSMER JR, D. W.; LEMESHOW, S; STURDIVANT, R. X. **Applied logistic regression**. John Wiley & Sons, 2013.
- HOFFMANN, R; VIEIRA, S. Análise de regressão: uma introdução à econometria. **São Paulo**, 2016.
- INSAE, 2013 : Rapport provisoire des résultats du quatrième Recensement Général de la Population et de l'Habitation (RGPH 4). Cotonou, Bénin, 87 p.
- INSAE, 2015: Recensement général de la Population et de l'Habitat (RGPH-4). Que retenir des effectifs de la population en 2013 ? Direction des études démographiques. Bénin. 33p.
- INSEED, 2010: Recensement général de la Population et de l'Habitat (RGPH4-2010).
- INSD (2015) Annuaire statistique 2014. Institut National des Statistiques et de la Démographie (INSD), Ouagadougou, Burkina Faso. [http://www.insd.bf/n/contenu/pub\\_periodiques/annuaires\\_stat/Annuaire\\_stat\\_nation\\_ux\\_BF/Annuaire\\_stat\\_2014.pdf](http://www.insd.bf/n/contenu/pub_periodiques/annuaires_stat/Annuaire_stat_nation_ux_BF/Annuaire_stat_2014.pdf)
- JACOBY, H. G. The economics of polygyny in Sub-Saharan Africa: Female productivity and the demand for wives in Côte d'Ivoire. **Journal of Political Economy**, v. 103, n. 5, p.

938-971, 1995.

MABASO, M. LH; MALOPE, N. F.; SIMBAYI, L C. Socio-demographic and behavioural profile of women in polygamous relationships in South Africa: a retrospective analysis of the 2002 population-based household survey data. **BMC women's health**, v. 18, n. 1, p. 133, 2018.

CDERMOTT, R. **The evils of polygyny: evidence of its harm to women, men, and society**. Cornell University Press, 2018.

OLIVEIRA ROTONDANO, R. Cultura e ética na formação familiar: a poligamia e a sua repressão no ocidente. **Revista de bioética y derecho**, n. 38, p. 87-99, 2016..

PEBLEY, A. R.; MBUGUA, W. **Polygyny and fertility in sub-Saharan Africa**. 1989.

ROSSI, P. Strategic choices in polygamous households: Theory and evidence from Senegal. **The Review of Economic Studies**, v. 86, n. 3, p. 1332-1370, 2018.

RINALDO IVERSEN, M. The legal status of polygamy in England and Germany-a comparison-Domicile v. **Nationality**. 2017.

RUGGLES, S. et al. IPUMS-international. **Historical Methods: A Journal of Quantitative and Interdisciplinary History**, v. 36, n. 2, p. 60-65, 2003.

SMITH-GREENAWAY. E, TRINITAPOLI. J. **Polygynous contexts, family structure, and infant mortality in sub-Saharan Africa**. **Demography**. 2014;51(Suppl 2):341–66.

TERTILT, M. Polygyny, fertility, and savings. **Journal of Political Economy**, v. 113, n. 6, p. 1341-1371, 2005.

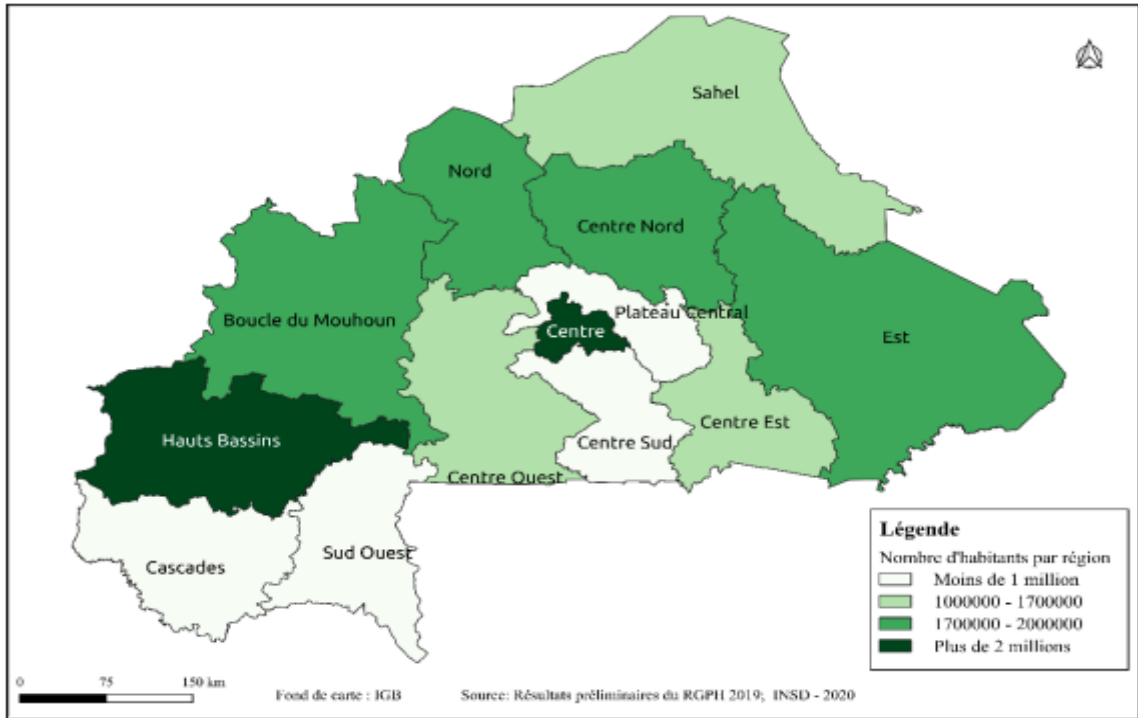
THOBEJANE TD. **An exploration of polygamous marriages: a worldview**. *Mediterranean J Soc Sci*. 2014;5(Suppl 7):1058–66.

TIMÆUS, Ian M.; REYNAR, A. Polygynists and their wives in sub-Saharan Africa: an analysis of five **Demographic and Health Surveys**. **Population Studies**, v. 52, n. 2, p. 145-162, 1998.

WAMWARA, J. J. A Case for Legalizing Polygamy in Western Societies: Lessons from the Global South. **Law & Ineq.**, v. 37, p. 75, 2019.

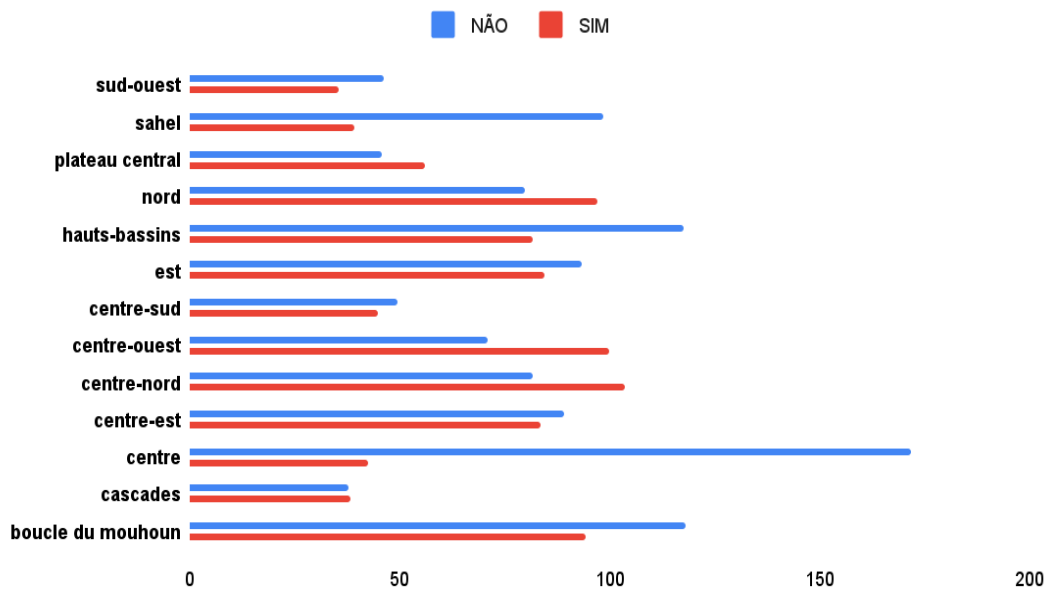
WHITE, D. R.; BURTON, M. L. Causes of polygyny: Ecology, economy, kinship, and warfare. **American Anthropologist**, v. 90, n. 4, p. 871-887, 1988.

Figura 1 : Mapa e repartição da população por região da república de Burkina Faso



Fonte: RGPH 2019, INSD-2020, Burkina Faso

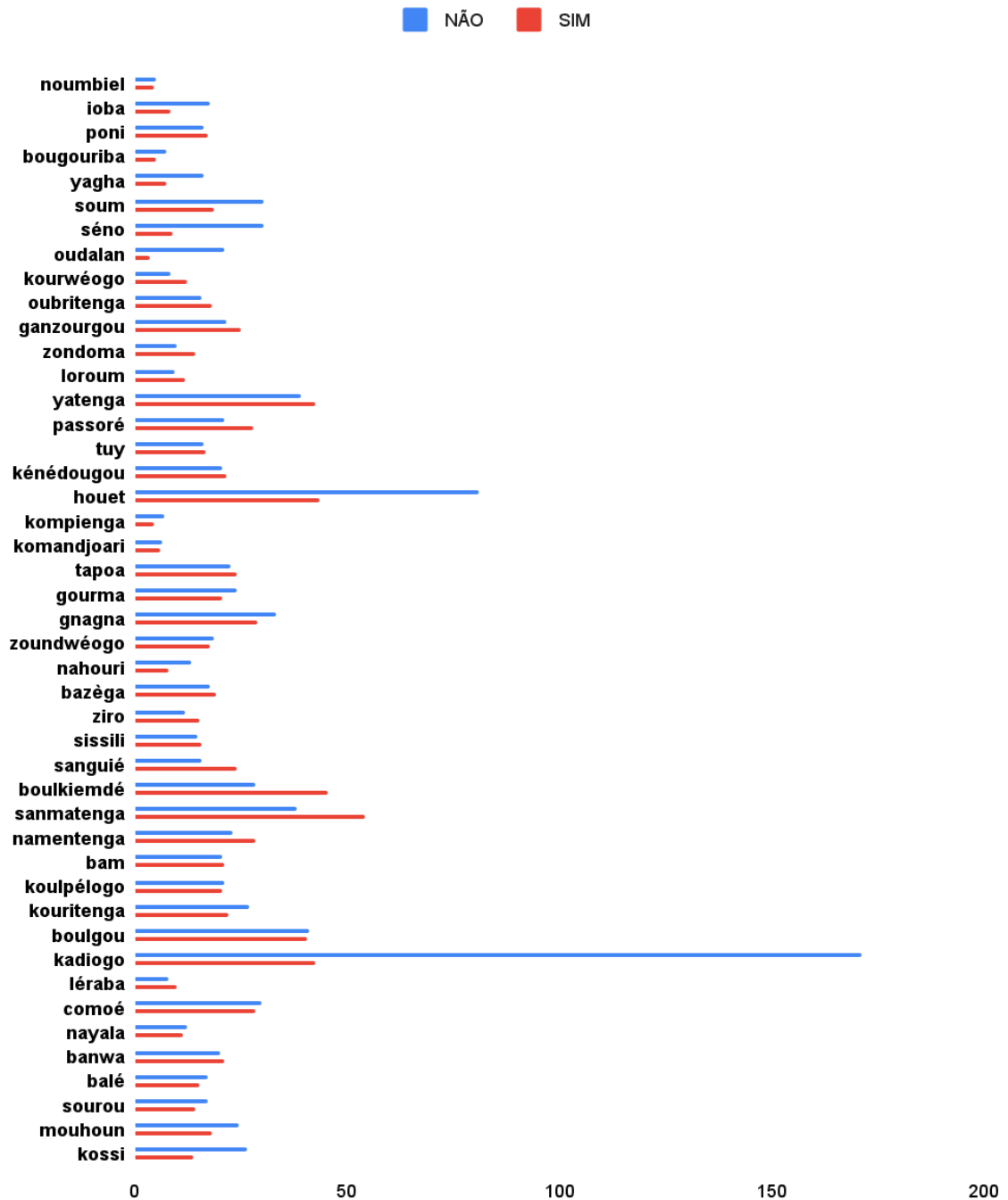
Gráfico 1: O disperso das mulheres em casamentos poligâmicos ou não em 2006 em Burkina Faso nas regiões sub-administrativas 1(departamentos) em mil.



Fonte: INSD 2006, IPUMS- I-2021.



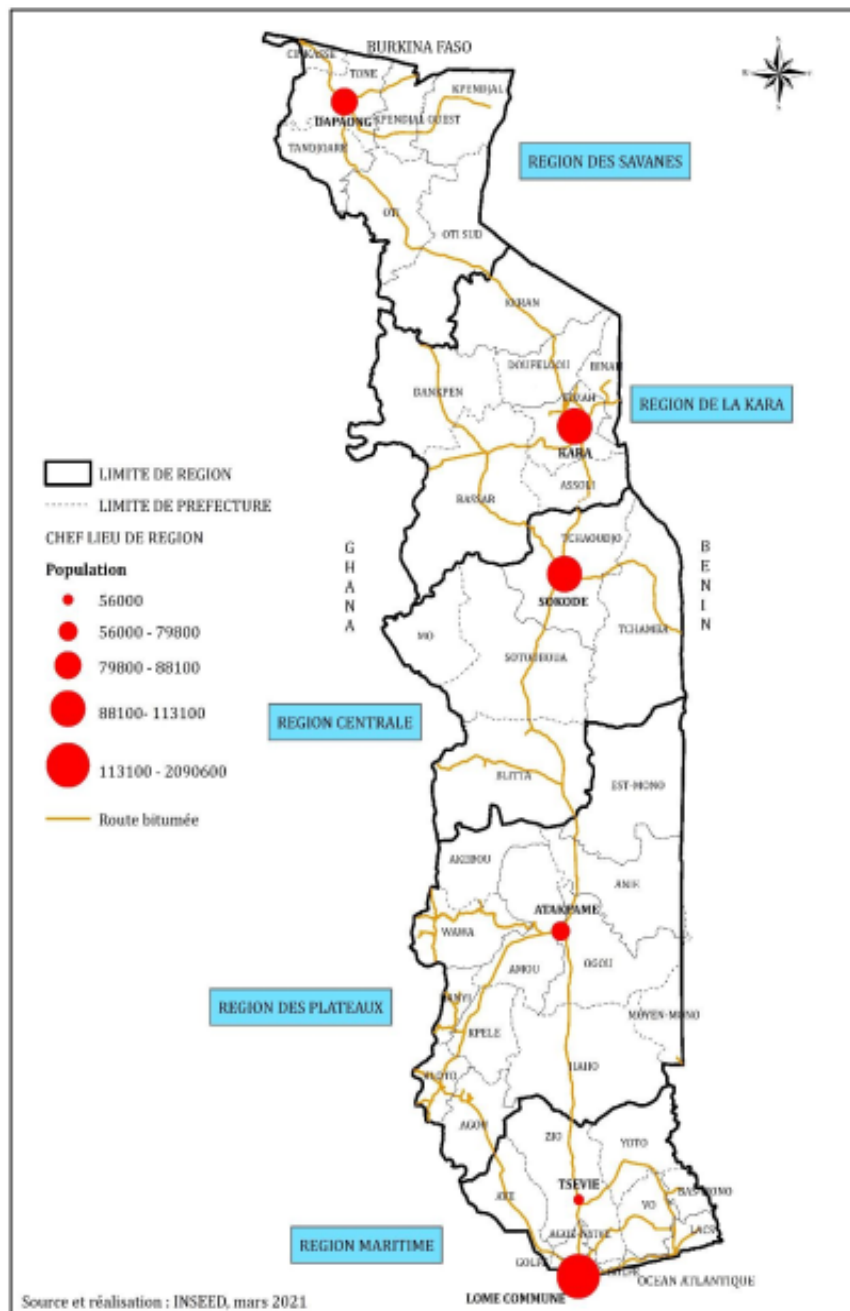
**Gráfico 2:** O disperso das mulheres em casamentos poligâmicos ou não em 2006 em Burkina Faso nas regiões sub-administrativas II (províncias) em mil .



Fonte: INSD 2006, IPUMS- I-2021

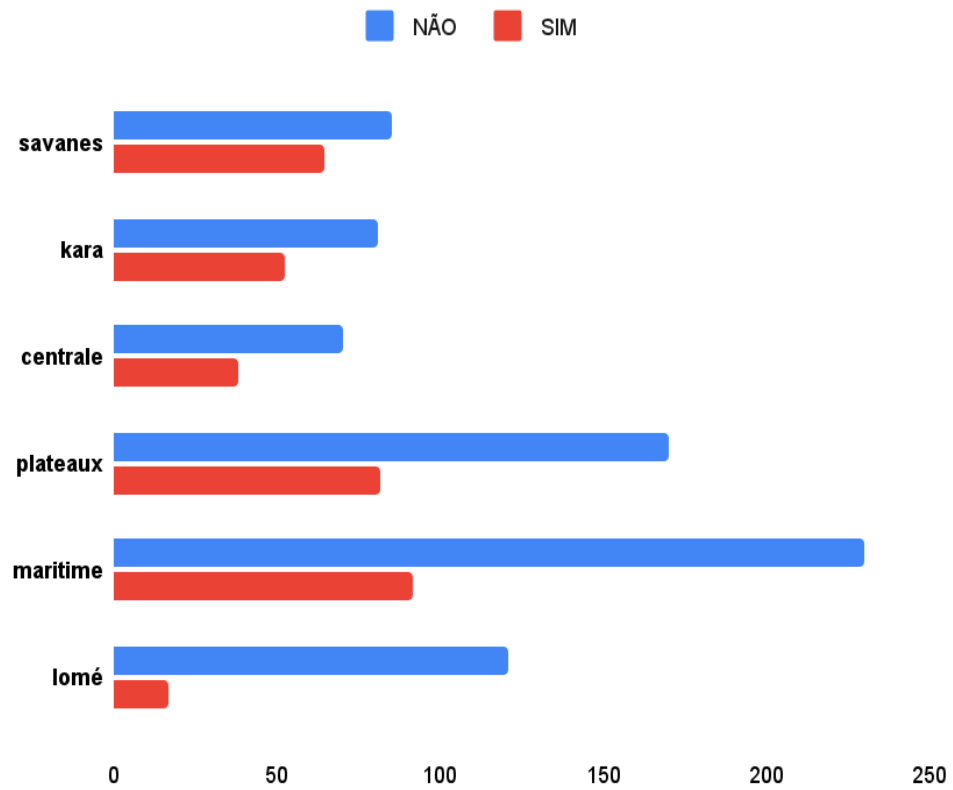
## ANEXO 2

Figura 2: Mapa e repartição da população no Togo



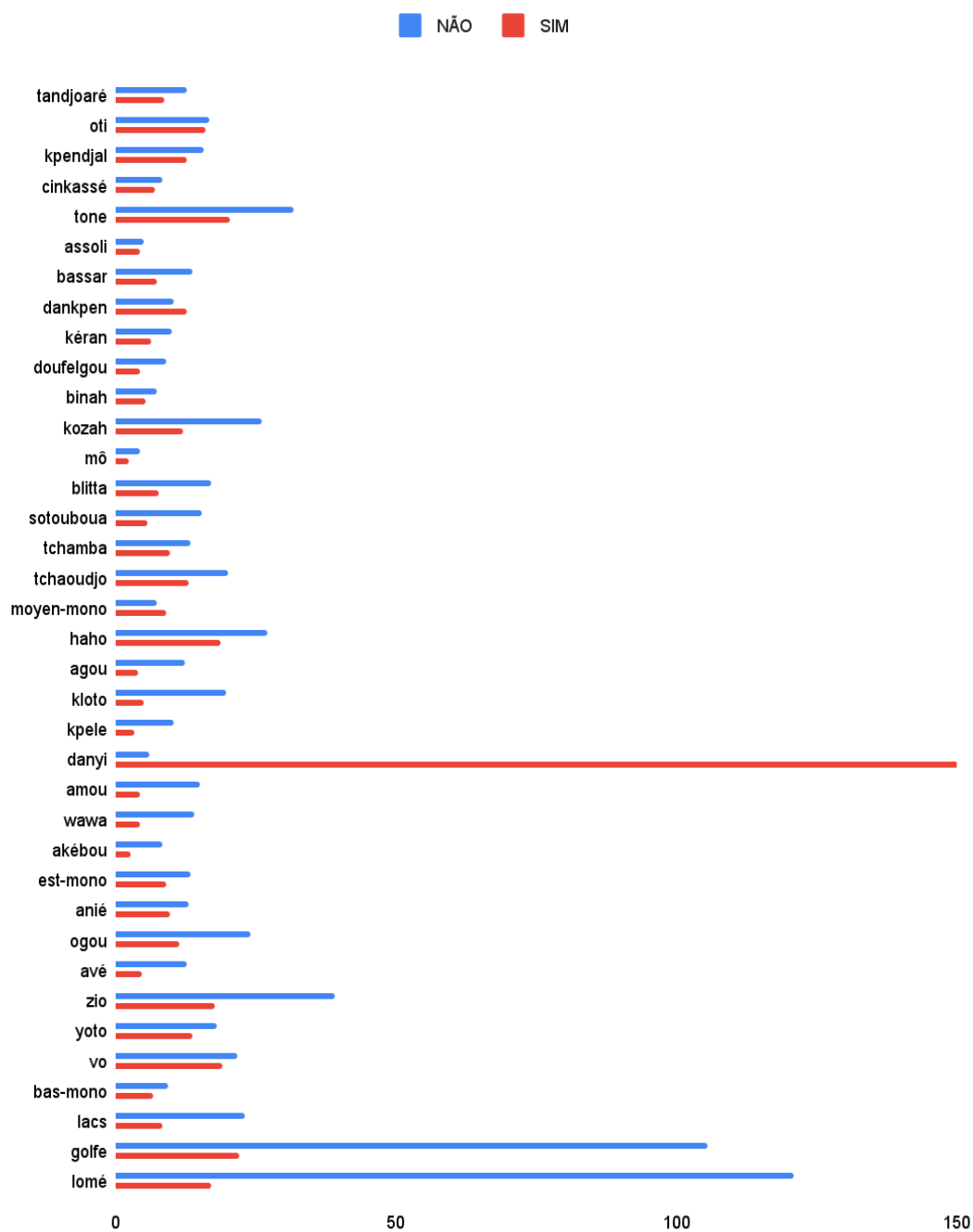
Fonte: INSEED, março 2021

**Gráfico 3:** O disperso das mulheres em casamentos poligâmicos ou não em 2010 no Togo nas regiões sub-administrativas 1(departamentos)em mil.



Fonte:INSEED 2010, IPUMS- I-2021.

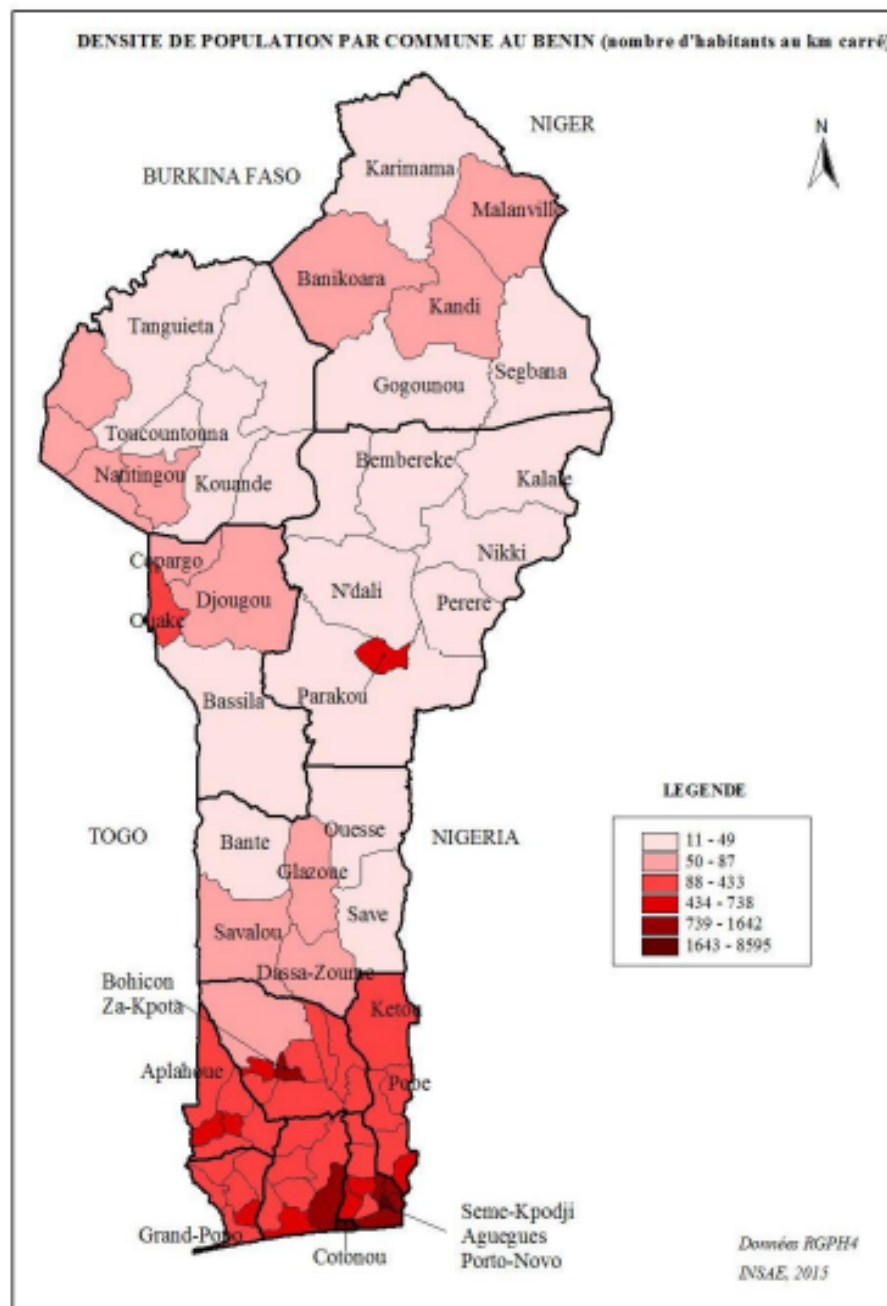
**Gráfico 4:** O disperso das mulheres em casamentos poligâmicos ou não em 2010 no Togo nas regiões sub-administrativas II (províncias) em mil.



Fonte: INSEED 2010, IPUMS- I 2021.

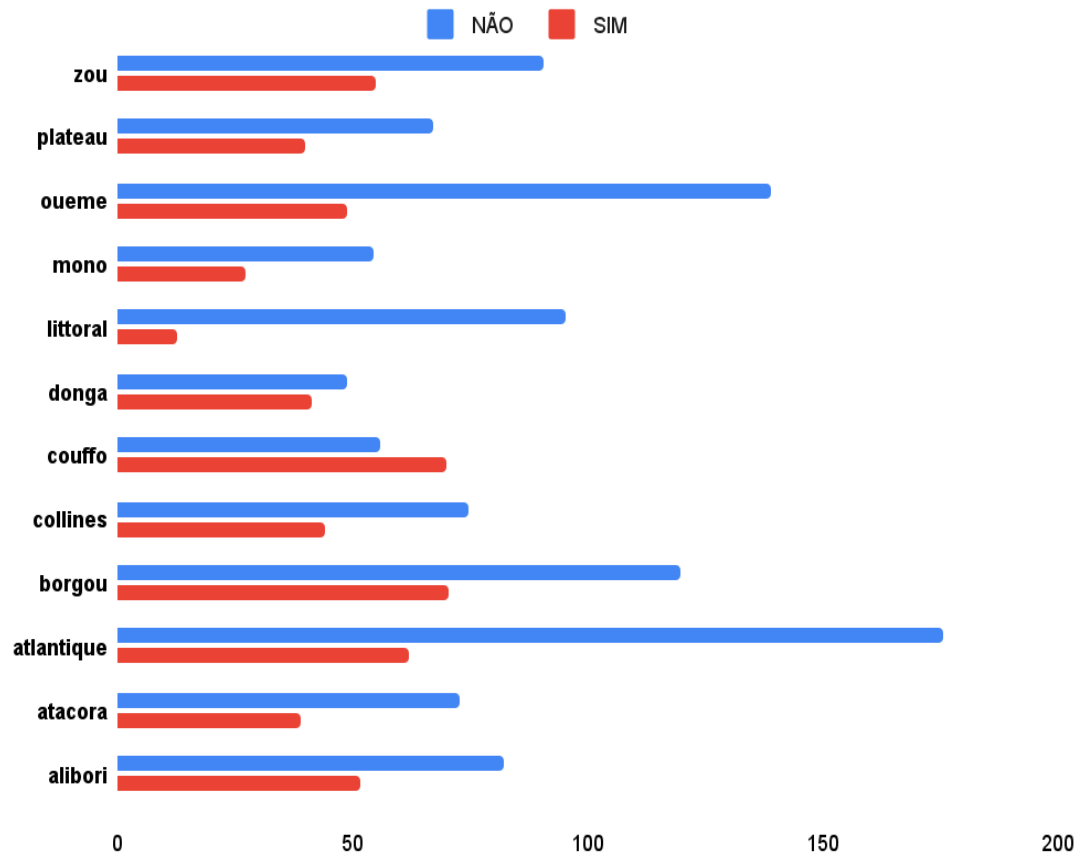
## ANEXO 3

Figura 3: Mapa e densidade da população no Benim



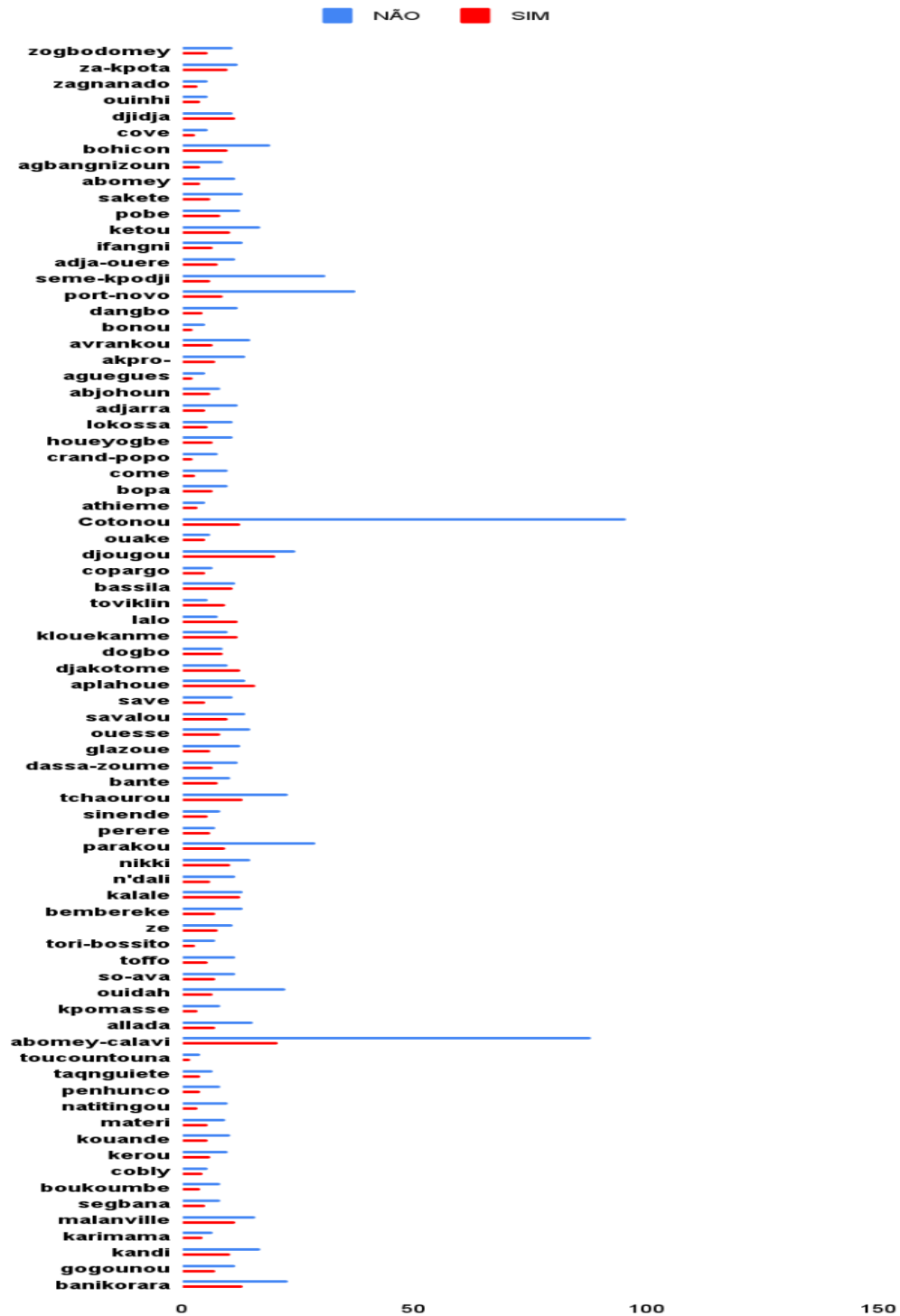
Fonte : INSAE-RGPH4, 2013

**Gráfico 5:** O disperso das mulheres em casamentos poligâmicos ou não em 2013 no Benim nas regiões sub-administrativas 1(departamentos) em mil .



Fonte: INSAE 2013, IPUMS-I 2021

**Gráfico 6:** O disperso das mulheres em casamentos poligâmicos ou não em 2013 no Benim nas regiões sub-administrativas 1I (províncias) em mil.



Fonte: INSAE 2013 IPUMS- I-2021